DISCURSO DE POSSE DO NOVO REITOR DA UERJ, PROF. IVO BARBIERI*

Prof. Carlos Alberto Direito, DD. Secretário de Estado de Educação e Vice-Chanceler da Uerj, representando, neste ato, S.Exª o Sr. Governador Wellington Moreira Franco,

Dr. Técio Lins e Silva, Secretário de Justiça,

Dr. José Pelúcio Ferreira, Secretário de Ciência e Tecnologia,

Prof. Pedro Celso Uchoa Cavalcante, representando o Prefeito Saturnino Braga,

meus amigos:

Esta cerimônia simples se reveste de significado especial: pela primeira vez, ao longo de uma história de 38 anos, o governo do estado, aqui representado pelo Dr. Carlos Alberto Direito, secretário de Educação e vice-chanceler da Universidade, dá posse ao reitor da Uerj diretamente eleito pela comunidade universitária. O governo cumpre assim um compromisso democrático, e o empossado assume, honrado, as responsabilidades que este ato implica.

Sei, de consciência clara, a extensão e o peso das tarefas que me esperam. Se ainda é válida a clássica lição horaciana – *honor onus* –, declaro abrir mão, desde já, da magnificência em nome da proficiência, pois, à pompa solitária do cargo, prefiro a ação solidária do trabalho, cuja magnitude certamente se tornaria insuportável, não fosse conjuntamente partilhada pelos professores, estudantes e servidores. Todas as vontades, todas as imaginações e todas as inteligências, dispostas a iniciar de novo uma nova partida, não obstante a diversidade de óticas, estão sendo chamadas a se tornarem co-responsáveis desta gestão que se inaugura sob o signo da renovação e da ousadia. Somente unidos seremos capazes de fazer uma verdadeira universidade, redimindo o amanhã da repetição e da mesmice. Aos meus companheiros, artífices dessa grande obra, lembro a inspiração de Anfião, que o mito diz ter edificado Tebas ao som mágico de sua flauta. Na dicção precisa do poeta João Cabral:

*A posse do Prof. Ivo Barbieri ocorreu em 4 de janeiro de 1988.

"Quando a flauta soou,
um tempo se desdobrou
do tempo, como uma caixa
de dentro de outra caixa."

É este tempo diferente, desentranhado do tempo burocraticamente rotineiro, que devemos fecundar, para que a Uerj não sucumba à apatia do anti-Anfião, aquele que, desalentado, se deixa ficar.

"entre pedras
como frutos que não querem amadurecer"

O fato de ter sido democraticamente eleito confere ao novo reitor plena legitimidade. Mas, para bem gerir os assuntos da comunidade que o elegeu, é preciso recuperar a verdadeira vocação da instituição universitária, capacitando-a para responder às inadiáveis demandas da sociedade a que serve. É urgente transformar a Uerj num centro de competência intensamente provocativo, capaz de pensar criticamente as teorias e as práticas do mundo em que vivemos e de produzir os saberes necessários à sua transformação. É preciso modernizar a Uerj, expondo-a ao contato permanente das questões cruciais da contemporaneidade. É preciso rever os programas e os métodos de capacitação profissional, aliando à habilitação técnica uma forte visão crítica. É preciso desenvolver atividades em permanente interação com a comunidade do estado, trazendo à luz da opinião pública uma nova face, atuante e produtiva. É preciso, em suma, que a universidade, objeto de profundas mudanças, se torne ela mesma agente de mudanças. Nossa meta é ambiciosa, pois significa, na verdade, a criação de outra universidade, diferente da que temos e, no entanto, a consumação de um projeto concebido antes de nós e que, igual a outras obras humanas, contém falhas e, sobretudo, ficou inacabado. Em absoluto, não se trata de sonho ou capricho de um ou de alguns, mas anseio coletivo da comunidade que nos elegeu e expectativa maior da sociedade que nos sustenta. Em última análise, o que buscamos é o reconhecimento público, dada a relevância social de nossa tarefa. Esse reconhecimento será alcançado na medida em que a universidade produzir saberes e competências necessários à emancipação da sociedade frente a todas as formas de violência: a violência da doença, da ignorância, da injustiça e da miséria, as violências da natureza e as violências da dominação política. O real poder da universidade, exercido mediante interações culturais, é capaz de produzir impacto sobre o meio sem exercer nenhuma dominação.

A Uerj tem como raio imediato de ação o território do estado e é nos problemas deste estado que, prioritariamente, deve concentrar sua atenção, com o fim de conhecê-los e equacioná-los, sem, entretanto, alimentar a ilusão de poder suprir todas as carências assistenciais da população. Para isso o estado e as comunidades possuem órgãos próprios, cabendo à universidade pesquisar, descobrir, avaliar e reformular

métodos, procedimentos, técnicas e tecnologias que, testados em escala reduzida, podem ser aplicados em larga escala. Mas a Uerj não seria uma universidade se o seu horizonte de indagações fosse menor que o mundo. Parodiando Borges, devemos dizer que o patrimônio da universidade é o universo, pois a ciência e o conhecimento desconhecem fronteiras políticas.

Na era da automação, convém ainda lembrar que o homem é um animal que fabrica instrumentos, hoje produtos de engenharias avançadas e tecnologias sofisticadas. É na fronteira da revolução tecnológica que a universidade precisa atuar a fim de, pelo menos, evitar que o país seja expulso da modernidade. Cumprindo tais objetivos, ficam plenamente justificados os recursos que a sociedade investe na universidade. Persegui-los em nível de excelência, como pretendemos, requer talentos e condições reais de trabalho. Nessa perspectiva, este ato de posse, realizando-se nas dependências da Secretaria de Estado de Educação, lembra a todos nós que investir em educação é o melhor negócio, pois além de um bem em si, a educação tem retorno certo e altamente compensador. Nenhum dos recursos investidos, porém, pode ser desperdiçado ou canalizado para o sorvedouro da avidez corporativista, egoísmo que estiola e esteriliza as instituições. Nosso compromisso aponta em outra direção – a de uma universidade científica, técnica e socialmente produtiva.

Os presentes sabem que estou assumindo a Reitoria da Uerj em hora de grave crise. Não seremos nós a escamotear as dificuldades que se avolumam à nossa frente. A crise também tem suas demandas inadiáveis e, com face ora enigmática ora ameaçadora, nos desafia. Ela, contudo, não nos mete medo e não abala a nossa confiança. Faremos da crise acicate a atiçar nossa curiosidade de saber e a aguçar nossa capacidade de conhecimento. E havemos de decifrá-la, antes que ela nos devore. Transformar a universidade na consciência crítica que engendra uma nova concepção de humanidade e prepara caminhos de uma nova sociedade exige recursos e riscos. É nosso papel assumi-los e enfrentá-los. E o faremos sem medo, porque a Uerj desejada é filha do sonho e da luta, amalgamados em projeto coletivo. A nossa força cresce na razão direta de nossa capacidade de união e provém de uma nova esperança alicerçada na democracia participativa, onde "o povo tenha lugar como agente e não como espectador culpado", no dizer de Thomas Merton, oportunamente lembrado pelo nosso vice-chanceler em artigo publicado no *Jornal do Brasil* na véspera do ano novo.

Concentrados na grandeza de nossa tarefa e atentos ao que se passa em torno, é hora de conferir sonho e realidade, de transformar o sonho da realidade numa realidade de sonho. Para esta ação sintam-se todos convidados.